



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO
Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

PDL 91/09

JUSTIFICATIVA

A presente homenagem, ora proposta, tem como justificativa a própria história do homenageado, e seu extenso e reconhecido trabalho em favor da coletividade paulistana, conforme se pode verificar:

Martinho Lutero Galati de Oliveira nasceu em Alpercatas – Minas Gerais em 1953. Chega a São Paulo em 1960 onde completa seus estudos primários e secundários, até freqüentar o curso de História na Universidade de São Paulo. Desde criança estuda música, completando sua formação na capital paulista com ilustres maestros: Jonas Christensen, Hans Joachin Koelheuter, Eleazar de Carvalho.

Durante uma precoce e meteórica carreira, que inclui a regência do Coro da Juventude Musical de São Paulo, a direção musical da peça teatral Hair, concertos no Teatro Municipal, funda a Rede Cultural Luther King em 1970 com a qual realizará mais de 2000 concertos na cidade de São Paulo.

Parte para Buenos Aires para complementar seus estudos de regência orquestral com o Maestro Pablo Sosa no Conservatório Torquato di Tella.

De volta a São Paulo dirige a Orquestra de Câmara do Vale do Paraíba, cria o Movimento Cultural Rodrigues Alves, coordena o setor de Música Coral do Movimento Mário de Andrade (Zona Sul) e termina por criar e dirigir os Concertos Matinais nos Teatros de Bairro da Prefeitura de São Paulo.

Por todas essas atividades e pelo empenho social e cultural demonstrado nestes anos, recebe a Comenda Papal da Ordem de São Luiz Nono do Estado do Vaticano.

De 1978 a 1984 vive na África trabalhando em pesquisa sobre música tradicional a serviço da UNESCO. Em Moçambique funda a Escola Nacional de Música, onde leciona regência e composição, realiza a 1ª série de programas de música tradicional africana na Rádio de Moçambique, e publica o Cancioneiro Infantil Moçambicano que merecerá os elogios públicos de Carlos Drummond de Andrade e lhe valerá o Título de Cidadão Honorário de Moçambique.

A partir de 1985, depois de um período de trabalho em São Paulo na reestruturação da Rede Cultural Luther King, completa a sua especialização na Europa, estudando na Hungria e na Itália. Foi aluno de vários maestros absorvendo de cada um deles parte importante de sua formação: Juan Pablo Ortega, Peter Erdei e Franco Ferrara. Importantíssima etapa da sua formação é o



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**
Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

longo período de estudos sob a orientação do compositor Luigi Nono. Em 1988 vence o prêmio André Segóvia de Regência em Santiago de Compostela, Espanha.

Em 1987 funda a Associazione Culturale Cantosospeso em Milão – Itália, com a qual realiza por volta de 1000 concertos em toda a Europa. Pelos serviços prestados à Cultura recebe da Prefeitura de Milão, em 2002, o título de Cidadão Honorário, sendo o segundo músico a recebê-lo, precedido somente pelo paulista Antonio Carlos Gomes.

Atualmente é professor do Instituto de Musicologia de Milão, regente da Piccola Orchestra Sinfônica di Milano e alterna a atividade de regente e compositor junto a importantes teatros da Itália, Alemanha e Suíça. É membro do Comitê Internacional e coordenador do Fórum Coral Mundial. É diretor artístico da Rede Cultural CANTOSOSPESO. Divide suas atividades entre a Europa e o Brasil, onde dirige até hoje em São Paulo a Rede Cultural Luther King.

MARTINHO LUTERO POR MARCUS VINÍCIUS DE ANDRADE
(Publicado n' O Pasquim n°66-de Junho de 2003)

Martinho Lutero é um brasileiro raríssimo. Primeiro, por ser um daqueles talentos inquestionáveis que são – infelizmente – mais conhecidos no exterior que em sua própria terra. Depois, por ser dono de uma biografia fascinante, digna mesmo de um personagem de Conrad: neto de judeu tcheco com índia e de calabrês com suíça, saiu de Alpercatas (MG) para receber o título de cidadão de Milão, honraria antes só conferida a um certo Carlos Gomes, há mais de cem anos. Para chegar até lá, Martinho passou antes por Rio de Janeiro, São Paulo, Paris e Maputo, tendo vivido os mais diversos papéis: diretor musical de “Hair”, fundador do Coral Luther King, estudante e pesquisador da UNESCO na África, só pra citar alguns. De Moçambique, chegou à Itália pelas mãos de ninguém menos que Luigi Nono, com quem trabalhou durante quatro anos. Daí para tornar-se um dos mais talentosos e requisitados regentes da atualidade, foi só um passo. Só que Milão chegou na frente e deu logo a Martinho o reconhecimento que Alpercatas ainda não lhe deu.

Mas Martinho Lutero é figura rara também por outras razões: ele bem que poderia, se quisesse, ter abraçado a regência de orquestra, área pródiga em holofotes e cifrões, além de que muito mais glamurizada pela grande mídia. Mas



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**
Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

não. Mesmo sendo um qualificadíssimo regente de orquestra, Martinho resolveu priorizar, em sua carreira, a esquecida música coral. Foi uma espécie de “opção pelos pobres” que se revelou acertada, pois permitiu transformá-lo num dos protagonistas de um movimento internacional pela revalorização do canto coletivo, embrião de um futuro Fórum Coral Mundial. Martinho está tendo a sabedoria de resgatar o poder sociabilizador do canto, transformando-o em instrumento de integração comunitária, de consciência e, principalmente, de cidadania. Com isso, ele vem dotando a chamada música erudita de um poder participativo raro nos dias atuais. A notável atuação de seus corais em movimentos e eventos como o Fórum Mundial de Porto Alegre mostra que o poder mobilizador da Música pode e deve ser usado em prol da verdadeira globalização: aquela que une vozes e mentes para criar novos e melhores cidadãos do mundo. Por tudo isso, Martinho muito tem a falar.

Martinho Lutero Galati por João Paulo Charleaux
(Publicado no Le Monde Diplomatique)

Um músico brasileiro consagrado e de vida aventurosa vê no canto coletivo uma forma de transformar as relações humanas, cria o Fórum Coral Mundial e oferece, em São Paulo, espetáculos incomuns.

No mundo das artes, muito já se falou sobre cantos de protesto e música engajada como formas de mudar o mundo. É certo que essa veia política já teve dias mais felizes e expoentes mais competentes que o solitário Mano Chao. No Brasil, Chico Buarque e companhia marcaram as décadas passadas com memoráveis canções contra o governo militar, enquanto no Chile, na Argentina e em outras paragens latinas, grupos e cantores estão tão identificados com a luta por democracia que é simplesmente impossível dissociá-los da imagem combativa e protestante. Mas o que dizer da música clássica? É possível falar de uma música clássica de conteúdo político? Sim, é. Principalmente hoje, em São Paulo.

Sem tanto alarde e sem a pompa napoleônica, São Paulo tem assistido, ao longo dos últimos meses, a um evento inusitado. Em 2007, O Coral Luther King inaugurou a 1ª Temporada de Concertos Corais do Brasil, com datas fixas e venda antecipada de assinaturas. Em 2008, de Julho a Novembro, sempre no penúltimo domingo de cada mês acontece, na simpática e bucólica Capela do



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO
Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

Colégio Sion (Av. Higienópolis, nº 983) a segunda edição da série de concertos chamada "Caros Amigos...uma carta coral".

Um Lutero que esteve na revolução moçambicana, antes de consagrar-se na música.

O regente dessa audácia é o maestro Martinho Lutero Galati de Oliveira, um mineiro que teve que dar a volta ao mundo e parar em Milão, na Itália, para — como acontece com muitos artistas brasileiros — ser reconhecido primeiro lá fora. Lutero é o único brasileiro, depois de nosso maior maestro, Carlos Gomes, a receber o título de Cidadão Milanês. Trata-se de uma figura rara que, além do extenso e admirável currículo musical, tem uma história de vida que é roteiro de cinema: pegou em armas na revolução moçambicana, viveu muitos anos em diversos países africanos, fez escala sob a cortina de ferro e foi parar no coração da Europa, onde trabalhou por quatro anos com, nada mais nada menos, que Luigi Nono.

Apesar da série de concertos do maestro Lutero e do Coral Luther King, em São Paulo, contarem com a presença de parceiros da estirpe do violonista Guinga e do violeiro Ivan Vilela — além de solistas de além-mar, como o cantor italiano Davide Rocca e também de Inezita Barroso, Léa Freire, Marília Medalha, Guello, Tito Martino, Roberto Mingarini (Itália), Álvaro Barros, Fabiana Cozza, Roberto Rodrigues, Sérgio de Carvalho e do antropólogo Kabengele Munanga — os leitores das agendas culturais paulistanas não foram informados do espetáculo. "É estranho", diz Lutero. "Em algumas revistas especializadas, só aceitaram escrever sobre os nossos concertos pagando, como em forma de anúncio".

Perplexidade à parte, o fato é que grande parte dos paulistanos sequer desconfia da existência, no quintal de casa, da primeira temporada de concertos de um coral realizada no Brasil. "É comum você assistir a temporada de orquestras, mas essa é a primeira temporada de música coral feita no Brasil", diz Lutero.

Mas o que pode haver de tão subversivo num coro e num repertório? A pauta dos concertos, como grande parte da pauta musical de Lutero, é baseada na valorização dos cantos das culturas derrotadas, soterradas, engolfadas pelo novo. Muitas vezes, esse "novo" é anabolizado pelos interesses de mercado.

Outras vezes, trata-se, mesmo, da extinção de certos cantos e culturas, como são os casos de certas músicas indígenas da Amazônia brasileira e de tribos africanas, recuperadas nos concertos regidos por Lutero ao redor do mundo.



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO
Gabinete Vereador Eliseu Gabriel

Além disso, o maestro tenta resgatar a idéia do canto coletivo, aplicando à música um conceito sofisticado de socialismo em contraposição à figura do cantor envernizado e embalado para vender. Lutero coleciona histórias sobre o impacto positivo de coros em pequenas comunidades, principalmente rurais, onde a experiência coletiva muda radicalmente as relações humanas. Essa filosofia tem sido aplicada em várias partes do mundo, através da experiência do Fórum Coral Mundial, que reúne ao redor do mundo músicos que se preocupam não só em não estragar a voz, protegendo-se de resfriados, mas, principalmente, músicos preocupados em disseminar o vírus do engajamento político-cultural.

Para os que têm na memória sonolentas apresentações do coro da fábrica, da escola, da igreja e da terceira idade, a série de concertos em São Paulo é um assombro. Para quem duvida da beleza da música coral, basta uma orelhada, por mais descompromissada que seja, nas Cantatas de Bach.

Assistir à série de concertos "Caros Amigos", em São Paulo, pode ser o primeiro passo para quem nunca imaginou que a música clássica pudesse ter uma pertinência política e cultural tão atual.

Dessa Forma, pretende o proponente o apoio dos Nobres Vereadores a esta justa e merecida homenagem.

Eliseu Gabriel
Vereador - PSB